



Sábado. Meio-dia. Socalo é a praça central do México. Um bando de pombos, polícias afectados, vendedores de jornais, de bolas, de bilhetes de lotaria, pobres, senhoras à moda, rapazinhos descalços.

Junto da fonte, que se situa próximo da antiga catedral, aglomera-se uma multidão. Um índio narigudo, um pouco parecido com uma águia enfurecida, cobre com as últimas palavras a cobardia e a selvajaria dos conquistadores que há tempos deixaram a Espanha e «esmagaram para sempre» a civilização única aqui existente.

«Aqui onde estão», afirma um índio para a multidão, «havia um templo, que era talvez o mais bonito do mundo. Aqui viviam pessoas que definiam os caminhos da Terra pelas estrelas, sabiam matemática, dominavam centenas de trabalhos e hoje tudo isso são cinzas sob as vossas pernas...»

É assim. Sei que a vinte passos do local onde está o índio foi detectado um templo antigo. Numa tarde de Fevereiro os trabalhadores da companhia urbana de electricidade, durante os trabalhos de manutenção de um cabo subterrâneo, deram com uma pedra invulgar, coberta de pinturas.

Não sei o que os dominou: o amor pelo país, pela sua história, desejo de fama ou, talvez, tudo junto. Os electricistas cujo nome a história não lembra, resolveram chamar os arqueólogos.

Durante alguns dias, sob os olhares curiosos dos passantes, os especialistas escavaram uma cova com mais de quatro metros. Quando, à altura de dois metros foram retiradas as últimas pazadas de terra e foi limpo o achado, ficou uma imagem única: num monolito enorme de pedra estava esculpido o relevo de uma mulher desmembrada...

«É Coyolcsauqui, a deusa da Lua!», exclamou alguém. «É verdade, era a imagem da lenda de que se

## O mundo em que vivemos

# O templo antigo dos Aztecas

falava muito, mas que até então ninguém vira», conta M. Sanchez, professor da Universidade Nacional do México. Coyolcsauqui, segundo o mito, foi morta pelo seu irmão Uitsilopotchli durante uma batalha sangrenta nas montanhas de Coatepeque, que significa «montanha da cobra».

História e mito. É frequente que os acontecimentos históricos reais se tornem lendas com o tempo. O mesmo se passa com as personalidades ilustres, que as pessoas transformam em deuses, erigem-lhes templos magníficos e depois veneram-nas pacificamente. Algo de parecido se passou com o Templo Maior, que os aztecas construíram no local onde agora é o centro da capital mexicana.

Durante muito tempo, os cientistas desconheciam onde se localizava o Templo Maior. Dados fragmentados, obtidos de manuscritos antigos e das histórias dos índios, mostravam a sua localização apenas aproximadamente. Durante muitos anos foram feitas investigações arqueológicas. Mas, foi deste modo que os arqueólogos mexicanos puderam não só encontrar o Templo Maior, como responder a muitas questões.

«Não se pode conhecer com veracidade histórica

absoluta porque é que há muitos séculos, na montanha Coatepeque, se desenrolou o drama sangrento, porque é que a irmã morreu às mãos do irmão», afirma Sanchez. «As crónicas antigas afirmam que, quando os aztecas chegaram a este local e resolveram ficar aqui, os representantes de outra tribo, uichaua, resolveram impedi-los. A rebelião foi dirigida por Coyolcsauqui. O dirigente dos aztecas Uitsilopotchli castigou duramente os insurrectos».

A primeira coisa que os aztecas fizeram no novo local foi erigirem um novo templo. Fizeram-no de acordo com as suas ideias sobre a construção do mundo. Era constituído, segundo eles, por três níveis. No primeiro estavam os deuses. No segundo, as almas da Terra com as quatro partes característica. No terceiro, o mundo enigmático dos mortos.

O Templo Maior, segundo esta concepção, era um local secreto, onde todos estes níveis se cruzavam e donde os lados da Terra começavam, dedicados a deuses diferentes.

«Os aztecas eram um povo de guerreiros», diz o prof. Sanchez. «A economia do seu Estado, se assim se pode chamar, apoiava-se em dois pilares: numa agricul-

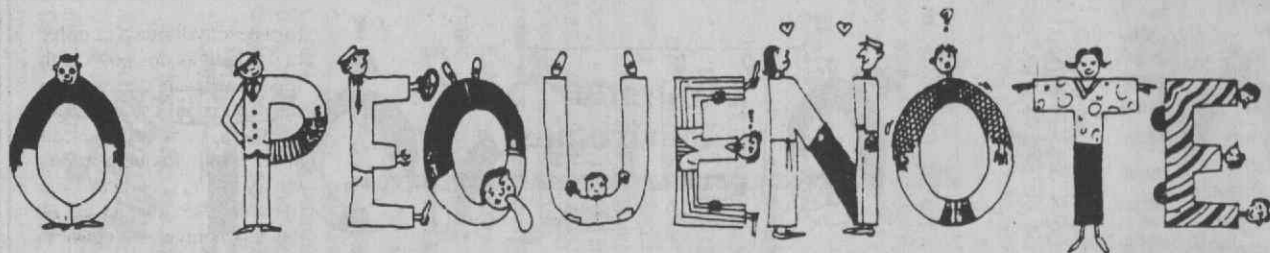
tura desenvolvida e na colecta de dádivas dos povos submissos. Penso que a crueldade do ritual do templo reflectia a visão dos aztecas sobre o mundo que os rodeava. Não era por acaso que ligavam este ritual à Lua. Os aztecas notavam, é claro, as fases da Lua e consideravam que quando o Sol e a Lua se encontrassem no mundo dos mortos haveria uma luta cruel entre eles, durante a qual a Lua perderia. Pode-se pensar que o ritual do templo era a imagem de uma luta constante entre as forças da luz e das trevas, sentida pelos aztecas. Pode ser a imagem da passagem do matriarcado para o patriarcado, quando a mulher Coyolcsauqui morre às mãos do homem? Quem poderá dar hoje uma resposta fidedigna?

Agora, no local onde estavam as pirâmides magníficas dos aztecas e a vida fervilhava, cresceu uma cidade enorme. No centro, em resultado de escavações arqueológicas durante cinco anos, foi posta a descoberto apenas uma pequena parte da outrora magnífica cidade dos aztecas, que se distinguia por ruas largas e direitas, casas de habitação com linhas simples e severas, jardins fabulosos, áreas para jogos, enormes tanques e diques que evitavam as inundações.

Ao lado do Templo Maior dos aztecas foi construído um museu, onde se reúnem sete mil descobertas arqueológicas únicas, pertencentes a uma das civilizações mais velhas do mundo. A mais interessante da exposição é a pedra com a imagem de Coyolcsauqui.

Durante a visita ao museu, o guia sublinha um pormenor curioso: a pedra com a representação de Coyolcsauqui sem cabeça foi encontrada no local onde outrora se encontrava a casa de Avila Alvarado, um dos conhecidos conquistadores, que tomou parte na destruição da capital dos aztecas e que mais tarde se rebelou contra a coroa espanhola. Alvarado foi decapitado. A sua casa destruída.

Alexandre Leskin



# Uma vez um gatinho

Na ampla sala de brinquedos, a Eunice e a Cristina dobavam uma meada de lã, vermelha, transformando um redondo novelo que de vez em quando deslizava por entre os minúsculos móveis de bonecos, e que se quedava junto à gaiola do periquito que chilreava com todo o vigor dos seus pulmões.

Noutro canto o gato bebé enroscado na pequena mantilha ronronava, parecendo o barulhinho do pequenino carro de corda das petizes.

O sol, filtrava-se nos vitrais com motivos infantis.

O armário cor-de-rosa pendia para um dos lados com o peso dos livros, e um elefante branco em porcelana servia de peso sobre as folhas rabiscadas das pequenas.

A Eunice, a mais crescida em pequeninas taças de barro preparava uma mistura de leite e pão para o gatito adormecido, e a Cristina a caçula já piscava os olhitos deixando-se tombar sobre a almofada de recortes coloridos e cheia a penas fofas.

O periquito também se deixara adormecer no poleiro que terminava o último balnear.

A Eunice depois do seu trabalho feito, olhou em redor e vendo que todos adormeceram, decidiu também aproveitar o langor da tarde para uma soneca, na rede

que pendia no meio da sala.

A velha caixinha de música gastara já o seu fio, e a melodia extinguiu-se entre o bocejo do gato que acordara e se espreguiçava.

— Miau, reminhau...

— Que papinha tão boa as meninas me prepararam, reminhava o gato para com a sua coleira insecticida.

E num trago devorou toda a comidinha que a Eunice demorara longas horas a preparar.

O vitral entreaberto deixava entrar uma aragem que ondulava as cortinas com desenhos de malmequeres e gi rassóis, e o gatinho quedou-se em posição de ataque a espreitar aquela montanha esvoaçante.

O gatito chamava-se Tiquinho Amaelinho, e aparecera um dia perdido, sujo e esfomeado em casa, das duas meninas que logo o acolheram e trataram.

Primeiro foi o banho com os sais de algas da Cristina, e o seu pelo ama-

relinho até parecia seda quando foi escovado com a escova macia da Eunice, a água de colónia cheirava a cravos e rosas, e também o laço de embrulho verde, ficou a dizer com a cor dos seus olhos.

E este com ar peneireto balanceava as ancas num ronronar pasmamento de senhor da situação isto porque ele era um gatinho macho da mais fina estirpe da linhagem dos felinos amarelos.

Mas, já nesta altura, enquanto eu me ocupei a crescer e a situar o gatito, ele se encontrava pendurado na colorida a amarelo cortina de girassóis e malmequeres, onde alguns fios de linho do tecido já tombavam pelo chão da carpete feita de tapos pelas tecedeiras.

Amaelinho preparava-se neste momento para dar um salto acrobático entre a cortina e a rede, e com as orelhitas espetadas e olhar vivo, media a distância que separava, para ele, um tra-

pézio do outro, que neste caso, e só para nós eram a cortina e a rede.

Parecendo um gato voador o Tiquinho lançou-se nos ares como gaivota por sobre as águas mansas da ria, e tal ave marinha foi aterrar desastrosamente por cima da gaiola do periquito.

Voaram penas e pelo ar, e o passarinho assustado deu uma forte bicada no trapézio de andar pelo chão.

Com um pelo do bigode arrancado e uma orelha depenicada o Amaelinho como quem não fez nada de mal dirigiu-se para a rede onde a Eunice dormia. Os brincos da menina com pérolas acirravam o traquina que já a belo prazer mordiscava o ló-bolo da orelha da pequerrucha que se virava afrita procurando outra posição.

(E ainda não era desta que o Tiquinho ia completar a sua travessura).

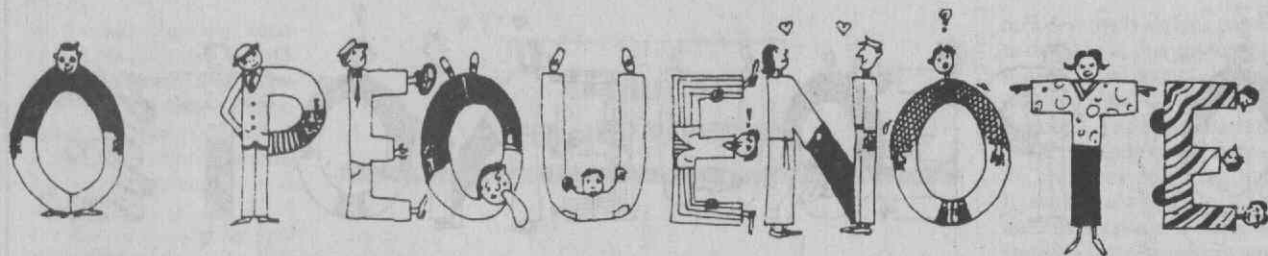
Chateadíssimo, deu uma esgadanhadela no fio da caixinha de música que recomeçou a tocar a música infantil dó, ré, mi, mi, ré, dó.

Numa vertigem lançou-se para o novelo de lã vermelha, e como o melhor avançado futebolista esgadanhava, espermeava, empurrava e ensarilhava a bola, que era agora fios por toda a sala.

Satisfeito com a sua traquinice o Tiquinho agora dormia num tufo de lã parecendo um ninho na rama-gem que era o novelo completamente desfeito.

As pequenas acordaram quando os seus estômagos pela tarde avançada lhes pediam alimento.

Ao verem os prejuízos



# Uma vez um gatinho



do vendaval do gatinho, e ele assim tão abandonado e tranquilo no nicho da lâ que restava, até ficaram sem fala.

A Eunice e a Cristina, que eram meninas traquinas, mas inteligentes, sabiam que ralhar ao Amaelinho não ia resolver a situação, por isso architectaram um plano que serviria de lição para sempre àquele brincalhão felino, o Tiquinho.

Lembraram-se então do dia em que lhe deram o nome, naquele dia frio e húmido, em que lhe confeccionaram aquele babete às rendinhas e o perfumaram com colónia no momento de lhe atribuírem o nome que daí em diante, passou a se como já sabemos, Tiquinho Amaelinho.

As duas amigas decidiram que o castigo mais apropriado para o traquina era privarem-no daquele babete rendado onde o gatinho todas as noites recostava a sua cabeçita cansada das brincadeiras. Assim deixaram a sala de brinquedos deserta, escura e sem brinquedos para que o gatito pensasse que fora abandonado.

O Tiquinho na lâ esfriada, espreguiçou-se, olhou em redor e ao ver tudo de-

serto e escuro o seu coraçãozinho começou a tremer desordenadamente, e foi então que olhando a gaiola vazia, e toda a desarrumação que fizera compreendeu que as suas amigas estavam profundamente magoadas com a atitude irresponsável que tivera.

Tiquinho com toda a sua boa-vontade tentou conforme as suas possibilidades de gato enrolar novamente a lâ.

Era já madrugada de outro dia e o Tiquinho encontrava-se estomeado e desta-

lecido junto de um novelo de lâ muito torto com fios soltos.

As meninas entraram na sala para mais um dia de brincadeira, e ao verem o arrependimento do Amaelinho assim enrolado no novelo, voltaram a colocar todos os brinquedos no sitio habitual, e prepararam-lhe um petisco de leite com chocolate e bolachas amolecidas.

Ligaram a caixinha de música e muito carinhosas foram acordar o infeliz gati-

nho, que ao ver novamente tudo como antes, até o periquito que cantava, se lhes lançou ao pescoço com beijos de gato, e ronronar de mimo.

Nesse dia todos festejaram, e o Tiquinho com o seu babete de rendinhas reminhava num sonho em que prometia a si mesmo ser sempre um gatinho bem comportado e amigo das suas tão amigas Eunice e Cristina.

Noémia Fidalgo

## Batido recorde de D'Artagnan

D'Artagnan, um dos heróis de «Os Três Mosqueteiros», levou 12 horas para percorrer, a cavalo, os 220 quilómetros que separam Saint Valery-sur-Somme de Paris. Tinha por missão entregar à rainha de França, Ana de Austria, os diamantes que, impreterivelmente, ela deveria usar a noite, no baile do Louvre. O recorde estabelecido ha 350 anos pelo temerário gascão, capitão dos mosqueteiros de Luis XIV e que Alexandre



Dumas escolheu para protagonista do seu romance, acaba de ser batido. O jornalista de «L'Equipe», Xavier Libbrechet, depois de uma boa preparação física, cobriu essa mesma distância nas mesmas condições em seis minutos menos que D'Artagnan.

*O último a rir*

Ao terminar o encontro de futebol, no estádio de Estadilha, em Espanha, os responsáveis locais estavam persuadidos que o árbitro tinha favorecido a equipa adversária. De acordo com o contrato pagaram ao juiz da partida as 11.200 pesetas devidas mas... em miúdos. Entregaram-lhe um saco, que pesava aproximadamente 36 quilos, ao mesmo tempo que apresentavam as maiores desculpas por não o levarem até ao comboio mas não dispunham de transporte! O árbitro foi obrigado a fazer três quilómetros a pé até à estação de caminho de ferro. A gracinha custou ao clube seis meses de suspensão.

## Curiosidades e bizarrrias

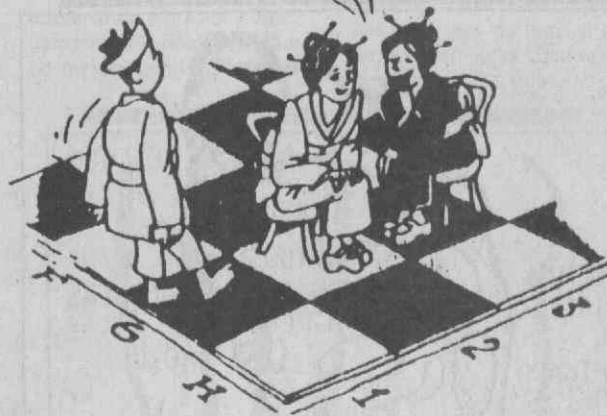
*Volta à Terra*

Uma agência de turismo suíça instituiu prémios para os viajantes que, por via aérea, marítima ou terrestre, façam mais de um milhão de quilómetros. Três destas recompensas foram entregues ao presidente do Comité Olímpico Nacional. Desde que J. A. Samaranch assumiu este cargo, em 1980, já visitou 167 países percorrendo, no total, o equivalente a cem voltas em redor da Terra.

*Navegação em seco*

Uma competição desportiva bastante insólita realiza-se anualmente no Estado de Queensland, na Austrália: corridas de canoa nos rios... secos devido ao calor. Este tipo de provas tornou-se já uma das atracções turísticas daquele país. Na última, que decorreu no Rio Diamantine, a assistência incitava entusiasmada os concorrentes metidos nas canoas sem fundo e seguras com as mãos, pelo rebordo, que corriam a toda a velocidade pelo leito ressequido envolvidos em espessas nuvens de poeira que levantavam com os pés.

Um jogo de xadrez «vivo» é uma das iniciativas obrigatórias do programa da «Festa da Cereja» organizado anualmente na cidade japonesa de Tendo. Na praça principal traça-se o desenho de um tabuleiro de xadrez e à hora marcada as peças humanas tomam posição: as mulheres em quimono e os homens vestidos de samurai. Os jogadores anunciam os seus lances sentados no alto de pequenas torres e para as «peças» não se fatigarem estão autorizadas a sentar-se enquanto os contendores pensam nas jogadas.

*Xadrez vivo**Dentes de peso*

Há mais de vinte anos que os recordes de John Massis, de Dusseldorf, figuram no «Guinness». Ao longo deste período ele foi o único homem no mundo a deslocar um carro eléctrico puxando-o com uma corda presa nos dentes. Recentemente, Massis fez, desta maneira, avançar 18 m e 10 centímetros um veículo com 15 toneladas, modelo de



1928. A deslocação de um carro eléctrico com atrelado será a próxima proeza, anunciou já o incansável «homem-tractor».



# Sente-se mal?

Muitas vezes consideramos que estamos bem de saúde embora, de vez em quando, surja um certo cansaço das pernas, frio nas pontas dos dedos, as barrigas das pernas insensíveis e as articulações dêem pequenos estalidos quando nos levantamos da cadeira.

Se assim é, a verdade é que nem tudo vai bem no seu organismo.

Médicos há que garantem que o agravamento do estado geral do organismo começa pelas pernas e o primeiro remédio a utilizar é a massagem. Massagem dos pés, dos dedos, das articulações da base do pé e do joelho, da coxa, da anca e das nádegas.

De acordo com as investigações, existem zonas biologicamente activas em toda a superfície da perna. Eis alguns elementos que poderão ajudá-lo a encontrá-las com maior exactidão.

## ZONAS DO PÉ E DA ARTICULAÇÃO TÍBIO-TARSIANA

Já verificou, com certeza, que a planta do pé é bastante sensível ao frio. Basta ter os pés frios para espirrar, sentir o nariz a pingar ou, nalguns casos, apanhar mesmo um resfriamento. A fim de se proteger das constipações poderá, pois, passear regularmente de pés descalços sobre as pedras das margens dos rios ou pelos prados. Durante o Inverno arranque uma caixa, não muito funda, encha-a de ervilhas secas ou pequenas pedras da praia e pise-as durante dez minutos aproximadamente. O efeito será semelhante.

A massagem do centro da planta do pé (zona 1 (desenho 3)), ajuda, por seu turno, a normalizar as funções dos rins e da bexiga e alivia as cólicas renais.

Do lado interior da arti-

## Massage as pernas

culação da base do pé, sob o tronozelo, onde existe uma concavidade, situa-se a zona 2 (desenho 4) cuja massagem é eficaz contra as dores provocadas, por exemplo, pela picada de uma abelha. Do mesmo lado, dois dedos acima do tornozelo, encontra-se a zona 3 (desenho 4) cuja massagem é recomendada, em caso de fraqueza geral e transpiração excessiva.

A massagem simultânea das zonas 2 e 3 (desenho 4) é muito benéfica contra as doenças dos vasos das pernas, tais como a artrite.

## ZONAS DA PERNA E DA ARTICULAÇÃO DO JOELHO

Três dedos acima do tornozelo, do lado de dentro da perna encontra-se a zona 4 (desenho 4), um dos principais pontos de tratamento de problemas génito-urinários. A sua massagem age beneficemente sobre todo o organismo, trata os problemas de fraqueza geral, a insónia e as vertigens.

Preste **atenção especial** às zonas 5 e 6, (desenho 1), situadas por trás do joelho. A sua massagem é indicada

para dores de articulações do joelho em particular, dos membros inferiores, e ainda nos casos de problemas do fígado e de vesícula biliar.

Logo abaixo do joelho, do lado externo da perna, encontra-se uma das zonas biologicamente activas mais importantes, a zona 7 (desenho 1), cuja massagem permite melhorar o funcionamento do sistema digestivo e restabelecer o apetite. Constitui também um dos meios naturais de tratamento da úlcera de estômago e duodeno.

Abaixo da articulação do joelho, do lado de trás da perna, começa a zona 8 (desenho 2). A sua massagem elimina as câimbras, as dores musculares da barriga das pernas e melhora a circulação sanguínea nos pés.

## ZONA DA COXA E DAS NÁDEGAS

Se estiver de pé com os braços estendidos junto ao corpo, a ponta do dedo maior tocará a zona 9 (desenho 1) cuja massagem é recomendada para problemas das pernas em geral, lumbago e tensão nervosa.

Mais acima, na articulação lateral das nádegas, encontra-se a zona 10 (desenho 2). A massagem desta região alivia dores provocadas por radiculite e problemas das articulações da coxa e do fémur. Sob as nádegas fica a zona 11 (desenho 2). Se a massajar diminuirão as



# Massage as pernas

► dores das costas, ciática e fraqueza dos membros inferiores.

## COMO PROCEDER

Conhecidos os vários pontos biologicamente activos há, no entanto, que tomar algumas precauções antes de iniciar a massagem.

Esta deve fazer-se de forma progressiva. Primeiro levemente, mal tocando o corpo, com movimentos regulares e lentos. Este procedimento relaxa o sistema nervoso, alivia a tensão dos tecidos e dos vasos profundos preparando-se para as fases seguintes.

Progressivamente aumenta a pressão dos dedos sobre a pele. Se mesmo assim não conseguiu abrandar o espasmo muscular e as dores se mantiverem, recorra à vibração. Pressione ritmicamente a zona pretendida com a ajuda das pontas dos dedos durante 1,5 a dois minutos a uma velocidade de cem ou mais oscilações por minuto. De dez em dez segundos faça uma interrupção de 3 a 5 segundos.

Por fim, pressione fortemente a zona, até à dor, com os dedos ou as palmas das mãos. Nalguns casos resulta bem um método mais tranquilizante — pressão lenta, descompressão lenta, pressão lenta, descompressão rápida. Noutros, a situação inversa, de estimulação, é a mais indicada, ou seja: pressão rápida, descompressão rápida, pressão rápida, descompressão lenta.

A automassagem pode ser feita ainda com ajuda dos pés. Pode servir-se por exemplo, do calcanhar de um pé para friccionar os dedos e a planta do outro pé.

Primeiro em movimentos longitudinais, depois transversais e finalmente circulares. Pode prosseguir a sua automassagem servindo-se dos rebordos dos pés para massajar a outra perna e em particular a barriga da perna. Este procedimento tem ainda a vantagem de corrigir o pé chato, tratar as consequências de contusões e dar maior estabilidade aos pés.

## UM BANHO DE IMERSÃO

O resultado desta massagem será ainda maior se for feita durante um banho de imersão, pois as articulações, ligamentos e músculos encontrar-se-ão aquecidos. Comece pelos dedos. Friccione cada um deles separadamente da unha até à base, dobrando-o e desdobrando-o ao mesmo tempo. Massage,

em seguida, a planta do pé a partir dos dedos até ao tornozelo com a ajuda do polegar e, no local onde a zona muscular é mais espessa com a ajuda do dedo maior, dobrando-o até a unha ficar direita. Utilize movimentos fortes e enérgicos. Depois passe ao tendão de Aquiles e aos músculos da barriga da perna que deve massajar com pequenos toques.

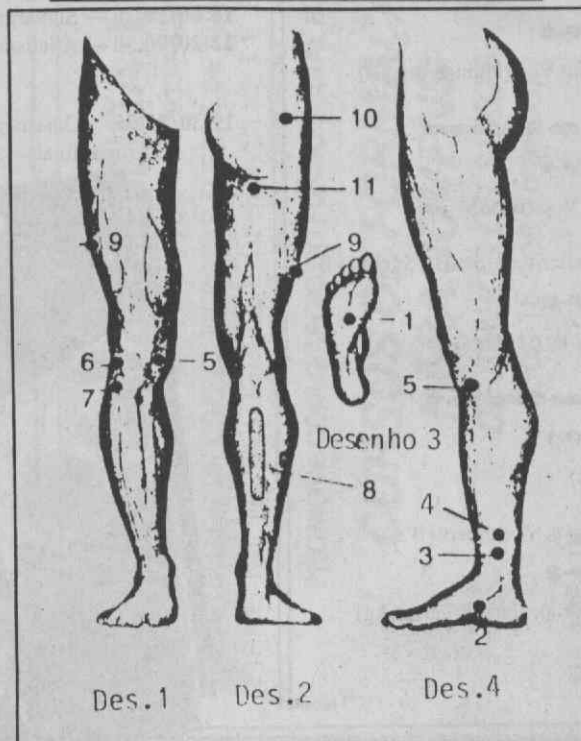
A massagem da articulação do joelho deve fazer-se em movimentos circulares, servindo-se de três dedos, de forma muito leve em torno da rótula. Quanto à coxa, massage-a a partir do joelho para cima, ao longo das fibras musculares. Cuidado, no entanto, não massage a zona superior da coxa onde passam superficialmente as grandes artérias e veias.

O efeito curativo de uma sessão prolonga-se seis a doze horas, podendo ir até às 24 horas mas, se achar necessário, pode repetir a massagem duas ou três vezes por dia.

## CONTRA-INDICAÇÕES

Apesar da eficácia incontestável da massagem ela pode ser contraindicada para alguns casos.

Assim, não pratique massagem se sofrer de uma inflamação aguda, se tiver febre, hemorragia, erupção violenta na proximidade das zonas biologicamente activas, lesão ou irritação excessiva do sistema nervoso, cansaço, inflamação ou dilatação das veias e trombos.





**PROGRAMA  
DAS TRANSMISSÕES  
TELEVISIVAS  
DOS JOGOS OLÍMPICOS**

**Sábado, 17 de Setembro**

**RTP-1**

- 01.25/4.30/5.00 — Cerimónia de abertura (directo)
- 18.00/19.20 — Cerimónia de abertura (resumo)
- 22.10/00.50 — Pugilismo (eliminatórias); Sumário B

**RTP-2**

- 19.30/21.55 — Saltos de Alto Voo (eliminatórias S)

**Domingo, 18 de Setembro**

**RTP-1**

- 08.00/10.00 — Saltos de Alto Voo (final S)
- 18.00/19.20 — Sumário A
- 22.10/00.50 — Natação; Ginástica (equipas H); Sumário B

**RTP-2**

- 19.30/21.55 — Halterofilia (52 kg); Natação.

**Segunda, 19 de Setembro**

**RTP-1**

- 08.00/10.00 — Natação (finais)
- 18.00/19.20 — Sumário A
- 22.20/00.50 — Ginástica (equipas S); Sumário B

**RTP-2**

- 19.30/21.55 — Remo (eliminatória); Halterofilia (56 kg)

**Terça, 20 de Setembro**

**RTP-1**

- 08.00/10.00 — Ginástica (equipas H)
- 18.00/19.20 — Pentatlo Moderno (natação); Sumário A
- 22.20/00.50 — Ginástica (equipas H); Sumário B

**RTP-2**

- 19.30/21.55 — Saltos de Trampolim (final H); Natação (eliminatórias); Luta Greco-Romana (finais); Halterofilia (60 kg)

**Quarta, 21 de Setembro**

**RTP-1**

- 08.00/10.00 — Natação (finais)
- 18.00/19.20 — Sumário A
- 22.20/00.50 — Ginástica (equipas S); Sumário B

**RTP-2**

- 19.30/21.55 — Halterofilia (67 kg); Luta Greco-Romana (finais); Esgrima (final — florete individual H)

**Quinta, 22 de Setembro**

**RTP-1**

- 08.00/10.00 — Pentatlo Moderno (corta-mato)
- 18.00/19.20 — Sumário A
- 22.20/00.50 — Halterofilia (75 kg); Natação (finais); Sumário B
- 00.30/03.30 — Atletismo (maratona S) — directo

**RTP-2**

- 19.30/21.55 — Luta Greco-Romana (finais); Esgrima (final — florete individual S); Ginástica (final individual H)

**Sexta, 23 de Setembro**

**RTP-1**

- 08.00/10.00 — Natação (eliminatórias); Atletismo
- 18.00/19.20 — Sumário A
- 22.20/00.50 — Atletismo; Sumário B

**RTP-2**

- 19.30/21.55 — Ginástica (final individual S); Natação (finais); Esgrima (final — sabre individual H)

